

## **Brasil, na sombra da cruz**

Coxas que vibram, calcinhas decoradas com plumas de pavão, purpurina sobre os seios orgulhosamente descobertos. “Não há pecado abaixo da Linha do Equador”, observou Casper Barleaus ainda em 1647. Milhões de cariocas sambistas continuam a honrar este credo. A cada ano, em fevereiro, a Cidade Maravilhosa se perde no mais sensual e fogueiro carnaval do mundo. Negros, pardos ou brancos em cores que não têm nome, todos se entregam ao fervor do ritmo, a corpos e membros que suam.

O arcebispo do Rio pode tentar intervir pregando, criar sombrios cenários sobre promiscuidade, o pecado e o diabólico, não há nada que pare a festa. Na preparação deste ano, o governo brasileiro distribuiu 10 milhões de preservativos. A publicidade da campanha mostra um homem jovem em plena ressaca – o despertar difícil depois de uma noite de carnaval –, um curto momento de pânico e, um segundo depois, o alívio: ele usou “camisinha”. Um banho refrescante e animador termina a cena.

O carnaval expõe o corpo e a alma do Rio e de outras cidades da costa brasileira, mas mais que isso, hoje em dia este ritual popular se tornou um grande comércio. Durante a semana do carnaval, por exemplo, nada menos do que 12 cruzeiros, com 13 mil passageiros ao todo, chegaram ao Rio de Janeiro. Os visitantes destes navios gastaram US\$ 63 milhões. No total, 700 mil turistas passaram pela cidade nesse período, chegando a consumir cerca de US\$ 500 milhões.

Quem fala de turismo de massa, também menciona quase que inevitavelmente o turismo sexual. Agora não se trata apenas de igrejas – católicas, evangélicas e outras – que soam o alarme. Também organizações de crianças e de mulheres denunciam as excrescências.

“Os clichês que são difundidos sobre nosso país, imagens, nas quais mulheres sensuais, particularmente afro-brasileiras, insinuam uma luxúria sem fim, não somente distorcem a realidade,” diz Dulce Xavier, da ONG feminista-católica Católicas pelo Direito de Decidir, “mas também em vez de ajudar o debate a avançar, o mito da latina sensual instiga ainda mais o turismo sexual. Particularmente meninas mais jovens, com dificuldades econômicas são prejudicadas”.

Segundo um estudo publicado em 2004 pelo representante da ONU, Juan Miguel Petit, estima-se que não menos de 500 mil menores trabalhem na prostituição; cifras baseadas em números de queixas apresentadas a ONGs brasileiras. Segundo testemunhas, jovens adolescentes oferecem serviços nas extravagantes praias de Copacabana por US\$ 0,20.

Uma pesquisa realizada em uma prisão juvenil indica que 22% dos prisioneiros cometeram assassinato ou tentaram matar para escapar de ameaça ou de abuso sexual. A pobreza, o crime organizado e o turismo sexual: estes são, segundo Petit, os três motores do fenômeno.

### **Uma moral barroca esquizofrênica**

Com *alegria fugaz* descreve o músico Chico Buarque as qualidades do carnaval na sua cidade. Não importa quão forte é o apelo da glamourosa festa, como convite à voluptuosidade e a uma moral desmazelada – ela não perdura mais do que alguns dias. A realidade rapidamente se coloca de novo no lugar e é super conservadora. No Brasil, o Rio sempre foi conhecido como uma das cidades mais conservadoras. Também uma das mais religiosas, onde os tentáculos dos grupos evangélicos estão continuamente se estendendo. Tal é o extremo que, recentemente, o governo estava concedendo fundos para igrejas que prometiam transformar homossexuais em heterossexuais através de orações e outras técnicas. O Conselho Federal dos Psicólogos teve que fazer de tudo contra os colegas evangélicos que queriam cancelar a resolução 01/99. Esta impõe aos psicólogos o respeito ético-profissional, interditando este tipo de experimento.

Nos dias de hoje, os evangélicos que rapidamente se difundem, especialmente as igrejas pentecostais, são os elementos mais conservadores na sociedade brasileira. Nos bairros das classes menos favorecidas, um número crescente de igrejas evangélicas impõem às fiéis um código de roupa mais estrito. Nenhuma minissaia, vida longa para roupas até embaixo do joelho. Em vez de decotes profundos, camisas fechadas até o pescoço. Contudo, Maria das Dores Machado, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), prefere ser cautelosa para não acusar os conservadores cedo demais.

“O código de roupa não é somente uma questão de moral. Tem a ver com a violência contra as mulheres na metrópole. Uma mulher com uma saia curta caminhando por uma rua escura ou tomando o transporte público será mais facilmente vítima de uma intimidação ou violência inoportuna. E quantas mulheres têm que tomar o trem do subúrbio para o centro às 4h ou 5h da manhã para trabalhar?”

Seja como for, os números falam por si: no Rio de Janeiro, cidade com 10 milhões de habitantes, registraram-se quatro violações por dia durante o ano de 2005. Destas, 30% envolveram mulheres com idades entre 13 e 17 anos. “Em muitas cidades, a violência sexual chega a índices tão altos que o código de roupa é espontaneamente adaptado à realidade”, afirma Machado. “Não podemos esquecer que é muito mais difícil para uma mulher de classe social baixa se distinguir de uma prostituta do que para uma mulher mais rica, que vive nos bairros mais abastados”.

Exatamente como o homem negro, que normalmente tem como escolha apenas duas imagens: Bíblia ou bandido. “Muitos meninos”, diz a pesquisadora, “carregam uma Bíblia porque deste modo expressam mais dignidade e pensam que assim não serão tão rapidamente vítimas da violência. Então, a Bíblia funciona não apenas como instrumento religioso, mas também como uma espécie de escudo”.

O Rio é, com certeza, um lugar conservador, mas também uma cidade que irradia uma moral barroca, esquizofrênica e, particularmente, uma duplicidade moral dos seus “descobridores” ibéricos. Um lugar onde os bispos católicos prudentemente ficam em silêncio quando massas de homossexuais participam da procissão para São Sebastião, o santo patrono da cidade. Isto porque ele, o mártir alcantilado com flechas, também é o ícone da comunidade homossexual. Porque a igreja fica com a boca fechada? Porque não sabe ou não quer saber o que fazer com toda esta impureza religiosa. Reconhecer o problema significaria ter que solucioná-lo – uma caixa de pandora diante da qual nenhum bispo ou cardeal tiraria sua mitra.

Além disso, por que caçar católicos de uma igreja que já está prejudicada na sua onipotência romana? Por que fazer isso em um país orgulhoso de ter o *status* da maior nação católica do mundo – 70% dos 190 milhões habitantes denominam-se de católicos –, mas onde a visita do

papa em maio foi tudo menos um êxito convincente? Segundo os jornais, Bento XVI às vezes se via diante de praças semi-vazias, sendo incapaz de motivar a juventude católica brasileira.

Na noite antes da chegada de Bento XVI, o ex-socialista e atual presidente Lula, embora religioso e contra a liberalização do aborto, advertiu o papa: no Brasil, a Igreja e o Estado estão separados e o debate atual sobre a revisão da lei do aborto, de 1940, não deveria ser feito nas sacristias ou em outras partes da igreja, mas no espaço público e político.

“Comparada com outros países latino-americanos”, esclarece Dulce Xavier, “a lei do aborto brasileira tem uma posição moderada. O aborto é proibido em todas as circunstâncias menos se a vida da mãe está em perigo ou se a mulher foi violada. Se o feto não tiver condições de sobreviver ou estiver muito deformado, precisa-se da autorização de um juiz”.

Há uma comissão no parlamento brasileiro que está preparando uma proposta de liberalização da lei.

“É a situação no campo que requer reforma”, diz Xavier. No Brasil, contabilizam-se anualmente entre 750 mil e 1 milhão de abortos. Não existem números exatos por conta da clandestinidade. Contudo, através do número de mulheres que recorre aos serviços de saúde por causa de abortos mal feitos (no ano passado 30.240) é possível fazer uma estimativa. “Na maioria dos casos, trata-se de mulheres negras, pobres e jovens”, diz Maria José Rosado, também do grupo Católicas pelo Direito de Decidir. “Então não se trata apenas de um problema de saúde pública, mas de justiça social e racial. Isso não significa que mulheres de classe média, que podem ir a clínicas privadas, também não se sintam criminalizadas e estigmatizadas”.

### **O corpo como brinquedo**

Na última década, não menos do que um quarto dos brasileiros mudou da fé católica romana para outra religião. Enquanto a classe média experimentou o *New Age*, o budismo e outras escolhas ideológicas, as pessoas comuns seguiram a chamada dos evangélicos.

Católicos e evangélicos disputam fiéis, mas no Parlamento estão de acordo sobre o tema do aborto. Além disso, o corpo da mulher parece ter se tornado um brinquedo no leilão das igrejas e dos seus representantes no Congresso. “Estávamos acostumados a ter um inimigo: a Igreja Católica; agora temos muitos”, observa Rosado.

Sobre esse assunto, especialistas advertem que não se deve ter um olhar puritano demais sobre o conservadorismo religioso. Tomemos uma temática como a da contracepção: “Por causa da atitude pragmática, da oração popular e do progresso material, muitas comunidades evangélicas tornaram-se advogadas ativas de preservativos, de pílulas, da esterilização e do planejamento familiar”, diz Machado. “Neste campo, mostram-se menos conservadores do que a Igreja Católica. Os padres são casados, o que favorece que o fiel se identifique com eles”.

Os brasileiros que permanecem católicos, em sua maioria, não se preocupam mais com as prescrições do Vaticano. Isto é, se, de maneira geral, algum dia o fizeram. Historicamente, as dimensões continentais do país não somente dificultaram o fortalecimento da norma estatal, mas também da religiosa. Como consequência, não apenas pastores protestantes têm esposas e filhos. No sertão brasileiro, desde o período colonial, numerosos padres vivem com a esposa não-oficial e o bem conhecido “sobrinho do padre” brinca feliz com outros meninos do lugar.

Entre o discurso rígido da hierarquia da igreja e este mais livre no campo pastoral existe um mundo de inacessibilidade mútua. Uma pesquisa da ONG Católicas feita recentemente mostra que 78% dos católicos brasileiros são a favor da legalização do aborto, um número que chega a 95% entre os que têm menos 24 anos. Além disso, 88% não vêem contradição entre a fé e o uso de preservativos. Quase o mesmo número de fiéis defende o sexo antes do casamento e 72% deles consideram a visão do Vaticano sobre o tema quase que insana.

Quase, é assim. Porque seria um pouco demais colocar o grão de areia religioso na mesma caixa do liberalismo ético ou da modernidade. “No Brasil, ser liberal significa não ser tão estrito com as regras, não se impor ou não estar sempre atrasado”, disse o antropólogo Ruben César Fernandes num colóquio sobre religião e sexualidade organizado pelo Centro

Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), no Rio, em 2003. Até a Teologia da Libertação, que prosperou nos anos 1960 e 1970 e teve papel crucial na resistência contra a ditadura militar, foi e ainda é progressiva no âmbito socioeconômico. Mas há pouco ou nenhum conhecimento sobre problemas de gênero.

## **Homofobia**

Voltemos ao tema da homofobia, um critério útil sempre para medir o quão aberta é uma sociedade, já que em sociedades modernas muitas vezes este é um dos últimos recursos de preconceito e estigmatização.

Uma pesquisa recente coordenada pela antropóloga Maria Luiza Heilborn com 5 mil jovens entre 18 e 24 anos nas cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador informa que 66% das mulheres não mostraram qualquer objeção em relação a pessoas fazerem sexo com outra do mesmo sexo. Entre homens, no entanto, a porcentagem cai para a metade e entre meninos virgens chega a 38%, porque não temerem ser confundidos com gays.

Estes números são uma média, já que 90% das mulheres com alto nível educacional dizem não ter qualquer objeção aos gays, enquanto 69% dos homens da mesma categoria se consideram tolerantes. Finalmente, um em cada cinco homens brasileiros e uma em 14 mulheres ainda chamam gays e lésbicas de “doentes”. Católicos ou jovens sem nenhuma afiliação religiosa parecem ser mais tolerantes com gays do que jovens evangélicos, particularmente se são pentecostais.

Num inquérito da Unesco, Mary Castro chegou à conclusão de que a homofobia é amplamente difundida nas escolas brasileiras: 41% dos jovens do sexo masculino das instituições que participaram da pesquisa afirmaram não querer que gays fizessem parte de sua própria turma. Durante a pesquisa, a discriminação homossexual foi expressa com menos vergonha do que a discriminação racial. Estudantes do sexo masculino disseram ter menos problemas em bater em uma pessoa homossexual do que em usar drogas ou ter armas ilegais. “Um jovem da oitava série nos contou seriamente que, caso visse um casal gay em

um shopping, ele se esconderia no estacionamento com um bastão até eles passarem”, disse Castro.

A homofobia tornou-se tema de uma recente campanha do governo, atacada pelos evangélicos. Em junho do ano passado, a maior parada gay do mundo, em meio às sombras dos arranha-céus de São Paulo, com mais de 2 milhões de participantes foi antecedida, em alguns dias, na mesma Avenida Paulista, por uma parada evangélica com o mesmo número de participantes. Uma via de mão dupla em seus termos mais extremos.

No entanto, a novidade negativa não deveria obscurecer a boa, enfatiza o pesquisador Sergio Carrara, da Universidade do Estado do Rio (Uerj). “Em minha instituição, o namorado de um professor homossexual recebe a aposentadoria de seu companheiro se este chegar a falecer. Além disso, um juiz de São Paulo recentemente confirmou permitir a alguns casais gays adotar crianças. Depois de um processo contra um apresentador homofóbico da TV Record, o canal foi forçado a afastá-lo e a pagar à comunidade gay R\$ 200 milhões de indenização”.

Carrara pode enumerar uma lista de situações positivas: o último ganhador do *Big Brother* brasileiro era gay; houve quase uma revolução quando a poderosa TV Globo decidiu não emitir o beijo tão esperado entre os dois personagens homossexuais na novela “América”; na violenta cidade do Rio, a polícia começou uma cooperação eficaz com os grupos gays. Nas metrópoles brasileiras, as primeiras igrejas evangélicas abriram as próprias portas para gays e bissexuais – sem querer convertê-los para a heterossexualidade, nem negar-lhes o próprio estilo de vida.

### **Na fúria da batalha**

Por que no Brasil, com ou sem a interferência de Deus, há uma atenção explícita para questões de gênero e de homossexuais? O problema atende pelo nome de machismo. Não apenas mulheres são vítimas de atitudes machistas, mas também homens.

Também aqui os números falam. Enquanto segundo a pesquisa de Heilborn somente 17,8% das mulheres entre 18 e 24 anos dormiram com seis ou mais parceiros diferentes, 68,8% dos homens deram a mesma resposta. Enquanto os meninos enumeram todos os seus amores e têm uma lista de honra para gabar-se com os amigos, as meninas fazem o contrário.

Embora o consentimento social da traição masculina tenha reduzido drasticamente na última década, muitos jovens ainda defendem a idéia de que a um homem é permitido satisfazer o próprio prazer com outra pessoa, enquanto se espera das mulheres serem fiéis como um cão. Embora a lealdade seja reconhecida como um objetivo e uma norma muito importante, não se vê muito disso na prática sexual pessoal.

Para Heilborn, uma das indicações mais surpreendentes sobre o machismo no Brasil encontra-se na popularidade do sexo anal. Não menos de 60% dos jovens homens questionados mencionam a técnica como um elemento da própria história pessoal sexual, números que fazem com que os homens franceses da mesma idade (26,6%) fiquem pálidos.

Nos dois países – e aí os números batem – os pesquisadores chegam ao mesmo resultado para as mulheres, em torno de 20%. A pesquisa revela uma assimetria entre homens e mulheres, que pode indicar sobrevalorização ou subvalorização, mas em todo caso, segundo a pesquisadora, mostra uma diferença de gênero enorme. “O sexo anal”, conclui Heilborn, “é a prática que ilustra da melhor forma a subordinação da mulher ao homem na imaginação sexual brasileira”.

Ainda há trabalho a fazer, não deixam de repetir os sociólogos e antropólogos. Há alguns anos há grupos trabalhando nas favelas para compensar as relações de gênero. No Programa H (“H” de homem) no Rio, meninos aprendem que relógios grandes, colares que sobressaem e celulares caros não são condição para se ter êxito com o sexo oposto, e que mulheres com minissaia não são necessariamente putas.

Eles aprendem também como lidar com a gravidez da namorada, como solucionar um conflito com a companheira sem fazer uso da violência e como obter preservativos também nos momentos mais urgentes – na hora H.



Mas os inúmeros esforços trarão frutos somente se a cultura da violência nas favelas também tiver um fim. “Crescer numa favela”, relatou Gabriela Moniz, de 13 anos, para a Organização Pan-Americana de Saúde, “é muito mais difícil para os meninos do que para as meninas. Nós só temos que ter cuidado para não ficarmos grávidas cedo demais. Mas para os meninos está em risco a própria vida. Eles sempre têm que prestar atenção aos bandidos. Aos meninos não é permitido ser fraco. Essa é a razão pela qual é tão difícil ser homem no Rio.”

Agradecimentos a Washington Castilhos - Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM).

Tradução para o português: Caroline Ausserer e Elke Delaere

Revisão: Olivia Hirsch